



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 11 – Ano VI – 05/2017
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Universidade da Alegria: o teatro *Clown* como ferramenta para a humanização do ambiente hospitalar.

Prof. Dr. Marcos Luciano Pimenta Pinheiro
Graduação em Farmácia-Análises Clínicas, Mestrado e Doutorado em Farmacologia, Anestesiologia e Terapêutica, Professor Associado da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM – Campus JK, Diamantina- MG.
<http://lattes.cnpq.br/3649352974642750>
Email: marcospimenta2@gmail.com

Profª. Drª. Leida Calegário de Oliveira
Graduação em Ciências Biológicas, Mestrado e Doutorado em Ciências Biológicas/Fisiologia e Farmacologia, Professora Associada da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM – Campus JK, Diamantina- MG.
<http://lattes.cnpq.br/1822393834744563>
E-mail: leida.calegario@gmail.com

Fernanda Ribas Bernardes
Graduação em Fisioterapia, Especialização em Fisioterapia em Terapia Intensiva pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.
<http://lattes.cnpq.br/6765963917307124>
Email: febernardesfisio@gmail.com

Poliana Ribas Bernardes
Graduação em Sistemas de Informação
<http://lattes.cnpq.br/4615028274383074>
Email: polyanabernardes@gmail.com

Maria Virgínia Motta Barbosa Scuccato
Graduação em Fisioterapia, Mestre pelo programa de Mestrado Ensino em
Saúde/UFVJM

<http://lattes.cnpq.br/9703537863464623>

Email: mavimotta@yahoo.com.br

Dominick Danielle Mendonça Santos
Graduação em Enfermagem, Mestranda em Ciências Farmacêuticas/UFVJM.

<http://lattes.cnpq.br/1345125500598462>

E-mail: dominickmendonc@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo é decorrente de um projeto de extensão universitária realizado no Hospital Nossa Senhora da Saúde de Diamantina, MG, com as crianças internadas na Clínica Pediátrica e com a Equipe de Saúde. Seu objetivo foi avaliar o trabalho artístico do teatro “Clown” (mistura de técnicas circenses e teatrais) durante a hospitalização das crianças. Estudo descritivo no qual os Clowns promoveram a cirurgia de extração do mau humor em 40 crianças e aplicaram um questionário para 17 membros da equipe de saúde da instituição. Verificou-se que 47,0% dos membros da equipe de saúde mostraram-se favoráveis à presença dos Clowns no ambiente hospitalar, 82,0% consideraram as atividades importantes para as crianças, enquanto 73,0% disseram-se favoráveis à continuação do trabalho. Constatou-se que 42,5% (n=17) das crianças emitiam gritos antes das intervenções e ao término não se detectou tal expressão em nenhuma delas, além disso, 5,0% (n=2) sorria antes da atuação dos Clowns e 75,0% (n=30) apresentava esta emoção após as intervenções. Concluiu-se que a atuação dos Clowns, juntamente à equipe de saúde e aos acompanhantes das crianças hospitalizadas, é essencial para conseguir amenizar a experiência de internação, a doença, o sofrimento e as vulnerabilidades associadas.

Palavras-chave: Teatro *Clown*, Humanização, Ambiente Hospitalar.

Introdução

O adoecimento é um momento crítico para o ser humano devido às modificações físicas e psíquicas, que desperta sentimentos de medo, ansiedade ou angústia (TAHAHAGUI *et al.*,2014).

Nas crianças, a doença impossibilita o desenvolvimento das atividades regulares de seu dia-a-dia, provocando, muitas vezes, sensações de dor, desconforto e mal-estar. Instalada em um ambiente completamente novo, com pessoas estranhas, rotina

diferente e um aparato terapêutico cuja finalidade é desconhecida, a hospitalização leva o afastamento do lar, da escola, dos amigos, enfim, da sua vida cotidiana (RABELO, 2012).

Para minimizar tais problemas, é preciso buscar ferramentas diferentes que possam gerar melhorias nas práticas intersubjetivas. Uma dessas ferramentas é a comunicação, e a partir dela se dá a humanização (ROSEVICS *et al.*, 2014).

Toda criança possui uma cultura lúdica, e, desta forma, o brincar pode proporcionar uma nova realidade, própria e singular, possibilitando à criança a oportunidade de vir a expressar seus sentimentos, costumes, experiências, medos e preocupações (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2008).

A aplicação desses recursos no âmbito hospitalar facilita o processo de adaptação da criança, diante de transformações que ocorrerão a partir do momento em que ela é internada. É possível pensar ou questionar sobre a possibilidade de “o brincar” se constituir em uma estratégia adequada para o enfrentamento da hospitalização (CAIRES *et al.*, 2014).

Grupos de artistas profissionais ou voluntários têm-se formado com o intuito de, caracterizados como palhaços, visitar pacientes em hospitais ao redor do mundo, fazendo uso do humor como ferramenta a favor do cuidado e do processo de recuperação (SATO *et al.*, 2016).

A palavra “palhaço” apresenta raiz etimológica em *paglia* (palha), material usado no preenchimento de sua roupa, indumentária que faz dele um personagem cômico. A palavra *clown* tem origem inglesa e, embora se traduza por “palhaço”, significa torpe, ingênuo e rude, um indivíduo desajeitado que fracassa e, por meio do fracasso, motiva o riso espontâneo e natural (MATRACA *et al.*, 2011)

O brinquedo também pode ser utilizado por meio do palhaço/*Clown*, que propicia a percepção das emoções, das histórias de vida e dos anseios (Kasper, 2009). O que incita a utilização da criatividade e o desenvolvimento emocional com a função de alegrar o ambiente e amenizar as sensações desagradáveis da hospitalização.

Ao atrair a atenção do paciente, a brincadeira desfaz a estagnação, sobretudo os sentimentos de medo, ansiedade e angústia promovidos pela hospitalização, e promove

o exercício cognitivo leve e natural, por não ser causadora de estresse. (TAKAHAGUI *et al.* 2014)

O estudo realizado por Lima *et al.*, 2009 explorou a experiência da utilização da arte do teatro Clown no cuidado de 20 crianças internadas na clínica pediátrica de um hospital escola do interior do estado de São Paulo. Denominada *Cia* do Riso as brincadeiras, jogos e dramatização, buscavam mudar a rotina do ambiente hospitalar.

Em um estudo realizado em Santiago, Cuba, Montoya Pérez (2012) demonstrou que o teatro *Clown* utilizando-se de recursos terapêuticos como a dramatização, magia, ilusionismo, risos, jogos com cessões de uma hora, uma vez por semana, permitiu a melhora afetiva, empatia entre eles e a inter-relação e permite que os terapeutas desaparecimento dos sintomas.

Assim, é importante que as universidades invistam na formação humanística dos alunos, promovendo a formação artística e conhecimento de técnicas básicas de terapia humor para que possam ser aplicadas pelo cuidado de saúde no cuidado diário para pacientes com a finalidade de conseguir um tratamento humano e respeitoso que eles merecem (SÁNCHEZ NARANJO, 2013).

O objetivo deste trabalho foi avaliar o trabalho artístico do teatro “*Clown*” (mistura de técnicas circenses e teatrais) durante a hospitalização de crianças em um hospital do interior de Minas Gerais.

Metodologia

Este estudo descritivo é oriundo de um projeto de extensão universitária realizado no Hospital Nossa Senhora da Saúde de Diamantina, MG com as crianças internadas na Clínica Pediátrica e com a Equipe de Saúde, e foram obedecidas as delimitações éticas constantes na Resolução nº 466/2012, obtendo aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros – MG sob o nº. 3246/2011.

Os dados foram coletados nos meses de maio a julho de 2010 pelos alunos dos cursos de graduação em Fisioterapia e Sistemas de Informação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Para as crianças foi realizada uma

brincadeira denominada cirurgia de extração do mau humor (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2008) e para a Equipe de Saúde foi aplicado um questionário contendo questões de múltipla escolha sobre a importância das atividades dos *Clowns* no ambiente hospitalar (VAGNOLI *et al.*, 2005) e coletadas informações referentes às doenças: experiências de hospitalizações anteriores e período da hospitalização vigente.

Os sujeitos da pesquisa foram 40 crianças internadas para tratamento clínico e, ou cirúrgico, com idades variando entre 1 a 15 anos, cujos pais ou responsáveis concordaram com a sua participação e 17 profissionais de saúde da clínica pediátrica do hospital. Todos os sujeitos ou seus responsáveis legais, no caso das crianças, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

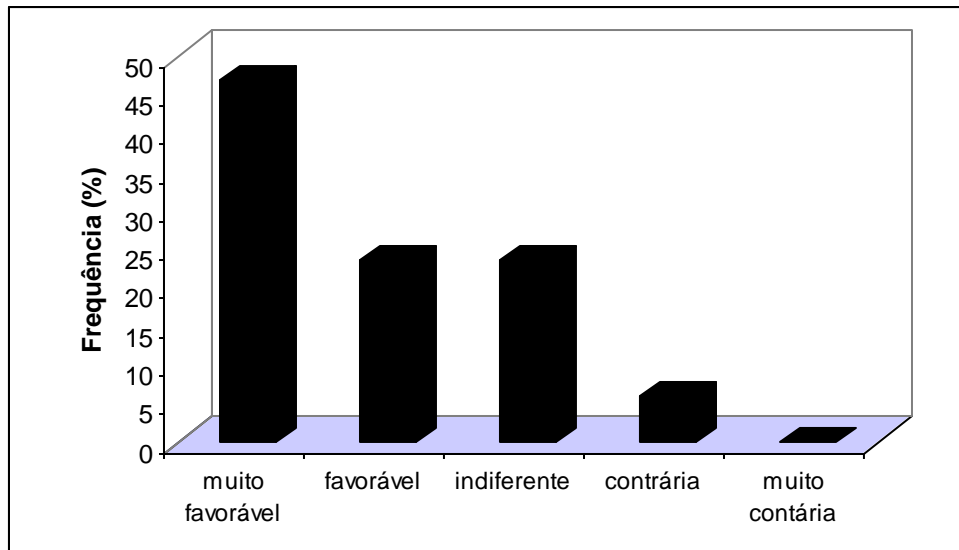
Os dados coletados foram tabulados e analisados no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 17.0). Utilizou-se a estatística descritiva simples, apresentando os resultados em tabelas.

Resultados

Participaram deste projeto 40 crianças, 23 do gênero feminino e 17 do gênero masculino, a maioria acompanhada de suas mães ou responsáveis e também a Equipe de Saúde do Hospital Nossa Senhora da Saúde de Diamantina, MG, composta pelos seguintes profissionais: 5 médicos; 2 Enfermeiras e 10 Técnicos de Enfermagem.

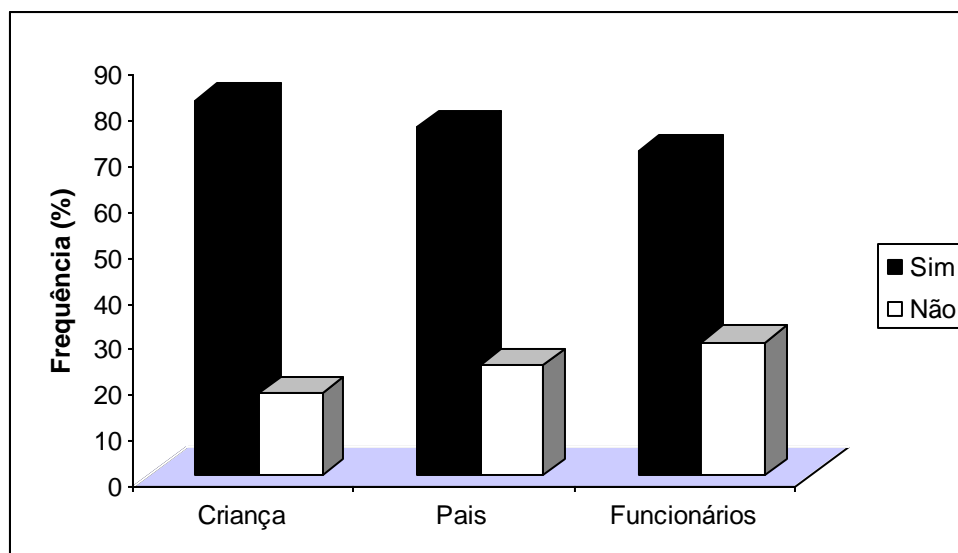
Em relação à opinião da Equipe de Saúde sobre a presença de *Clowns* no ambiente hospitalar (Figura 1), nota-se que 47,1% (n=8) dos profissionais consideram-se muito favoráveis; 23,5% (n=4) e 23,5% (n=4) consideram-se favoráveis ou indiferentes, respectivamente, enquanto apenas 5,9% (n=1) considera-se contrária à presença dos mesmos. Nenhum dos participantes considerou-se muito contrário à presença dos *Clowns* no ambiente hospitalar.

Figura 1: Opinião da equipe de saúde do Hospital Nossa Senhora da Saúde quanto à presença de Clowns no ambiente hospitalar, 2010, Diamantina, MG.



A respeito das atividades realizadas pelos *Clowns*, (Figura 2), a grande maioria da equipe de saúde, ou seja, 82,4% (n=14) considerou as atividades proveitosas para as crianças hospitalizadas; 76,5% (n=13) proveitosas para os pais e 70,6% (n=12) proveitosa para os funcionários.

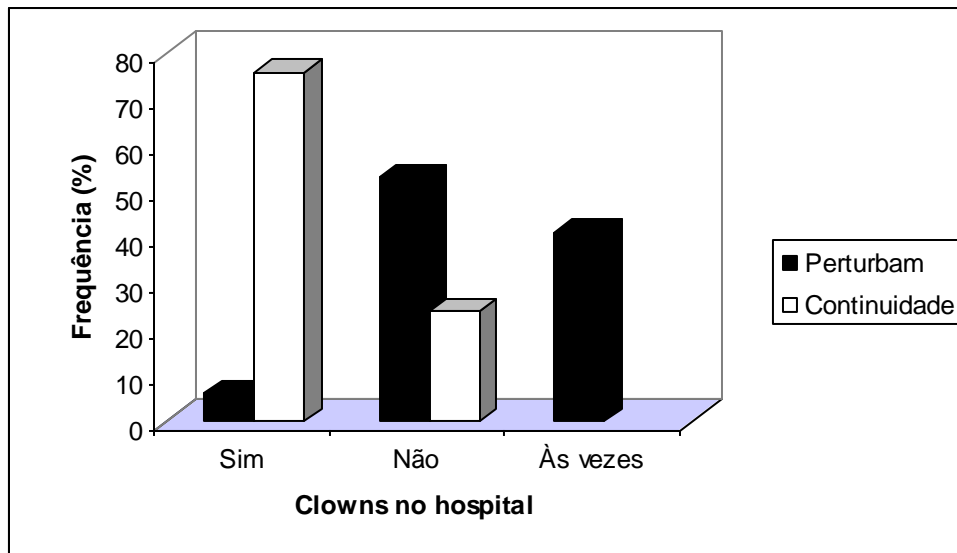
Figura 2: Opinião da equipe de saúde do Hospital Nossa Senhora da Saúde quanto aos beneficiários da atividade dos *Clowns* no ambiente hospitalar, 2010, Diamantina, MG.



Em relação à possível perturbação ao ambiente hospitalar provocada pelos *Clowns*, observa-se que 52,9% (n=9) da equipe de saúde relatou não haver perturbação, 41,2% (n=7) respondeu que às vezes havia alguma perturbação e 5,9% (n=6) achava que sim (figura 3).

Ao questionar se os membros da equipe de saúde aprovariam a continuidade dos *Clowns* no hospital (Figura 3), foi verificado que 76,5% (n=13) era favorável e apenas 23,5% (n=4) era desfavorável à continuidade destes no ambiente hospitalar.

Figura 3: Opinião da equipe de saúde do Hospital Nossa Senhora da Saúde quanto à possível perturbação gerada pelos Clowns no ambiente hospitalar e sobre a viabilidade de continuidade da sua atuação neste, 2010, Diamantina, MG.



Quanto às experiências de hospitalizações anteriores experimentadas pelas crianças, 35,0% (n=14) havia sido internada apenas uma vez, 45,0% (n=18) havia sido hospitalizada de 2 a 3 vezes e 20,0% (n=8) que já havia experimentado quatro ou mais hospitalizações durante sua vida. Em relação ao período da hospitalização, observou-se que 35,0% (n=14) das crianças ficou internada por um dia, 25,0% (n=10) das crianças por dois dias, 27,5% (n=11) das crianças por três dias, 10,0% (n=4) das crianças por quatro dias e 2,5% (n=1) das crianças ficaram internadas por seis dias.

A partir da análise comportamental dessas crianças nas atividades dos *Clowns*, verificamos que 10,0% (n=4) das crianças demonstraram agressão física e 47,5% (n=19) agressão verbal antes das intervenções dos *Clowns*. Após as intervenções nenhuma delas manifestava este tipo de comportamento. Avaliando a categoria de comportamento do tipo expressão verbal, podemos constatar que 42,5% (n=17) das crianças emitiam gritos antes das intervenções dos *Clowns* e após a intervenção não se detectou tal expressão em nenhuma delas. Em relação à análise da expressão de emoção, pôde-se constatar que 5,0% (n=2) das crianças participantes da pesquisa sorria antes da atuação dos *Clowns* e 75,0% (n=30) apresentava esta emoção após as intervenções.

Discussão

A análise dos dados demográficos demonstrou que entre as 40 crianças (100%) participantes, 23 (57,5%) eram do gênero feminino e 17 (42,5%) do gênero masculino, resultados bem próximos aos relatados por Simões *et al.* (2010) que observaram uma taxa de 53,2% de participantes do gênero feminino e 46,8% do gênero masculino.

A promoção do lúdico na ótica dos profissionais de saúde pode ser uma ferramenta significativa para que lidem com questões, tais como: a integralidade da atenção; a adesão ao tratamento; o estabelecimento de canais que facilitem a comunicação entre criança, profissional de saúde e acompanhante; a manutenção dos direitos da criança; a (res)significação da doença por parte dos sujeitos (ROSEVICS *et al.*, 2014).

No presente estudo, os profissionais de saúde concordaram que a presença de *Clowns* promoveu um benefício para as crianças, esses dados corroboram com a pesquisa de Oliveira & Oliveira (2008).

Quanto à exploração lúdica, o presente trabalho demonstrou que a maioria da equipe considera a atividade proveitosa para as crianças, seus pais e funcionários do hospital. Estes resultados são concordantes com os relatados por Simões *et al.*, (2010) em estudos semelhantes em que avaliaram as atividades desenvolvidas por estudantes universitários em ambiente hospitalar.

No estudo do grupo de *Clowns*, Doutores da Alegria pode-se constatar melhora da condição da mãe, da interação equipe/mãe, proporcionando melhora da qualidade na interação equipe/criança. Outro aspecto identificado nesse estudo foi de que a quebra da rotina hospitalar em nenhum momento interferiu na assistência executada pela Equipe (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2008).

Caires *et al.*, (2014), destaca o impacto positivo relatado por 20 profissionais em seu estudo. Estes referiram que a presença do clown no hospital traz vantagens quanto ao nível da desmistificação do tratamento e/ou dos profissionais de saúde; da diminuição do medo e rejeição em relação ao jaleco branco dos cuidados por estes prestados.

Para Kasper, (2009), a iniciação *clownesca* torna-se uma experiência mutuamente benéfica. Onde o *Clown* e o internado se envolvem, aprendendo a afetar e ser afetado, envolvendo uma atitude de escuta do mundo com o corpo todo, um estado de alerta e ao mesmo tempo de grande entrega e disponibilidade.

Corroboramos com o pensamento de Rabelo, (2012) que afirmam que o brinquedo pode ser incorporado à prática clínica sem causar transtornos para a assistência, sendo importante a realização deste trabalho por uma equipe multiprofissional. Sendo assim, sentimos a falta de pedagogos na equipe de saúde da Pediatria do Hospital em estudo, que a nosso ver seriam os profissionais que melhor poderiam orientar e conduzir a atividade recreacional.

De acordo com Silvério e Rúbio (2012), o pedagogo tem a função de orientar, estimular e motivar a pessoa enferma e hospitalizada, e as atividades pedagógicas podem ser uma ferramenta interativa e transformadora do ambiente hospitalar, como por exemplo, o desenvolvimento do conhecimento do corpo e da lateralidade (BECARO & DELLALIBERO-JOVILIANO, 2011).

Neste estudo, algumas crianças inicialmente receberam os *Clowns* com agressão física ou verbal. Os desafios encontrados nos estudos de Caires *et al.*, (2014), foram justificados pelo medo/pânico do palhaço por parte da criança; pela pouca receptividade por estar em sofrimento; pela resistência à presença do clown pelo adolescente; e, finalmente, pela alusão a alguns fatores de ordem externa ao usuário pediátrico.

Quanto ao período de hospitalização vigente, nesse estudo, 35,0% das crianças ficaram hospitalizadas por um único dia. Estes dados podem ser explicados, pois a pesquisa ocorreu durante os meses de inverno, período em que há grande necessidade de internações curtas, principalmente por desconfortos respiratórios em crianças.

Ao atrair a atenção do paciente, a brincadeira desfaz a estagnação, sobretudo os sentimentos de medo, ansiedade e angústia promovidos pela hospitalização, e promove o exercício cognitivo leve e natural, por não ser causadora de estresse (TAKAHAGUI *et al.*; 2014).

A participação de *Clowns* em rotinas hospitalares tornou-se algo frequente, pois esta é uma prática que ganhou um amplo espaço nas pediatrias de hospitais por todo o mundo graças aos resultados positivos que esta arte apresentou (TEIXEIRA & FARAGO, 2016). Projetos desta natureza humanizam por meio do encontro e da interação com o outro, deixando um espaço livre para qualquer experiência que possa ocorrer da liberdade dada pela pessoa que recebe a visita (CRUZ, 2016).

Conclusão

A partir dos nossos resultados, foi possível concluir que a atuação dos *Clowns* se relaciona com o trabalho da equipe profissional e dos acompanhantes dessas crianças hospitalizadas, sendo essencial para conseguir amenizar a experiência de internação, da doença, do sofrimento e vulnerabilidade associados.

Agradecimentos

Esta pesquisa contou com recursos do Programa de Apoio à Extensão Universitária voltado às Políticas Públicas – Proext (MEC/SESu/DEPEM) e da Caixa Econômica Federal.

Referências:

BECARO, Amanda Bento, DELLALIBERA-JOVILIANO, Renata. Recreação hospitalar na pediatria: uma proposta pedagógica. *Revista EPeQ Fafibe*, Volume 3, nº 1, p. 91-101, 2011.

CAIRES, Susana; ESTEVES, Carla Hiolanda; ALMEIDA, Isabel. Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil. *Psico-USF, Bragança Paulista*, Volume 19, nº 3, p. 377-386, setembro/dezembro 2014.

CRUZ, Daniel Dias. A inserção do palhaço no ambiente hospitalar: experiências de um projeto de extensão. *Em Extensão*, Volume 15, nº 1, p. 133-140, 2016.

KASPER, Kátia Maria. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? *Proposições*, Campinas: Volume 3, nº 60, p. 199-213, setembro/dezembro 2009.

LIMA Regina Aparecida Garcia; AZEVEDO Eliete Farias; NASCIMENTO Lucila Castanheira; ROCHA Semiramis Melani Melo. A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. USP: *Rev Esc Enferm*, Volume 43, nº 1, p. 186-93, 2009.

MATRACA, Marcus Vinícius Campos; WIMMER, Gert; JORGE, Tania Cremonini. Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. Rio de Janeiro: *Ciência & Saúde Coletiva*, Volume 16, nº 10, p. 4127-4138, outubro 2011.

OLIVEIRA Roberta Ramos de, OLIVEIRA Isabel Cristina dos Santos. Os doutores da alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de Enfermagem. *Rev Enferm*, Volume 12, nº 2, p. 230 – 6, junho 2008.

PÉREZ, Eduardo Montoya. Psicopayasos: propuesta de modelo de payaso terapéutico para grupo de psicoterapia. *MEDISAN*, Volume 16, nº 2, p. 309-314, 2012.

RABELO, Hellen Delchova. *O significado da hospitalização para as crianças internadas no Hospital Regional de Ceilândia*. Monografia (Graduação Bacharel em Terapia Ocupacional) Universidade Federal de Brasília, Distrito Federal, Brasília. 2012. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4631/1/2012_HellenDelchovaRabelo.pdf. Acesso em 13 de março de 2015

ROSEVICS, Leticia; AGUIAR, Débora Assunção; BORGES, Conrado Régis; HASEGAWA FILHO, Roberto; YAMASHITA, Thomas Szabó; MANCHAKI, Ana Cristina; AZEVEDO, Valderílio Feijó. *ProCura– a arte da Vida: um Projeto pela Humanização na Saúde*.

SÁNCHEZ NARANJO, Júlio César. Humanización de la atención en salud, arte y terapia del humor. *Rev. Méd. Risaralda*, Volume 19, nº 2, p. 154-157, 2013.

SATO, Mariana; SILVA, Carolina Costa; GAMEIRO, Gustavo Rosa; SCATENA, Camila Morato da Conceição. Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. *Interface, Comunicação Saúde Educação* 2016; Volume 20, nº 56, p. 123-34, 2016.

SILVÉRIO, Cláudia Aparecida, RUBIO Juliana de Alcântara Silveira. Brinquetoca hospitalar: o papel do pedagogo no desenvolvimento clínico e pedagógico de crianças hospitalizadas. *Revista eletrônica Saberes da Educação*; Volume 3, nº 1, p. 1-16, 2012.

SIMÕES, Ana Lúcia de Assis; MARUXO, Harriet Bárbara, YAMAMOTO, Leandro de Resende, SILVA, Liliâne Caetano, SILVA, Pâmella Araújo. Satisfação de clientes hospitalizados em relação às atividades lúdicas desenvolvidas por estudantes universitários. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Volume 12, nº 1, p.107-112, 2010.

TAKAHAGUI, Flávio Mitio; MORAES, Érika Neves de Souza; BERARDI, Gabriel Henrique; AKAMINE, Guilherme Kenzo; BASILE, Maria Aparecida; SCHIVOLETTO, Sandra. MadAlegria -Estudantes de Medicina Atuando como Doutores-Palhaços: Estratégia Útil para Humanização do Ensino Médico? *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Volume 38, nº 1, p. 120-126; 2014.

TEIXEIRA, Aline Patrícia Brito; FARAGO, Alessandra Corrêa. O Pedagogo-Clown no espaço hospitalar. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, Volume 3, nº 1, p.334-349, 2016.

VAGNOLI, Laura, CAPRILLI, Simona, ROBIGLIO, Arianna, MESSERI, Aandrea. Clown Doctors as a Treatment for Preoperative Anxiety in Children: A Randomized, Prospective Study. *Pediatrics*, Volume 116, nº 4, p. 563-7, 2005.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2017

Revista Científica Vozes dos Vales - Ufvjm - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu* (Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países, em diversas áreas do conhecimento.